

ECONOMIA MUNDIAL CONSOLIDA CRESCIMENTO

□ No seu *World Economic Outlook (WEO)* de Abril, o Fundo Monetário Internacional (FMI) prevê que a economia mundial cresça a um ritmo mais forte no actual ciclo, tendo revisto em alta a taxa deste ano para 3.5% (3.1% em 2016). Ainda que seja um valor inferior aos registados antes da crise financeira de 2008, a perspectiva é de aceleração e de sustentação da expansão. Por outro lado, esta evolução mais forte e consistente do crescimento é praticamente generalizada a todos os blocos económicos. O FMI refere que a aceleração é observável tanto nas economias avançadas como nos emergentes e países de baixo rendimento, suportada quer na recuperação do investimento, quer na melhoria da *performance* da indústria e do comércio. No entanto, os riscos ainda pendem para o lado negativo, nomeadamente ao nível de políticas proteccionistas que, se forem implementadas ou agravadas, podem levar a situações extremas ao nível do comércio mundial, nomeadamente “guerras” comerciais entre blocos económicos.

A posição optimista do FMI ultrapassa 2017 e alcança 2018, pois se a instituição prevê uma taxa de crescimento de 3.5% em 2017, para 2018 é esperado 3.6%, reflectindo o fortalecimento da actividade económica, expectativas de uma procura global mais robusta e de preços das matérias-primas mais altos e sustentados (para o qual ajudou o acordo em vigor da OPEP de maior controlo da produção de petróleo). De facto, o FMI reconheceu que foi importante a recuperação dos preços das *commodities* para a recuperação financeira dos países produtores e exportadores, para além de trazer inflação, reduzindo os riscos deflacionistas. Se está previsto um crescimento do grupo dos países avançados de 2.0% em 2017 e 2018, em relação ao grupo dos países emergentes e em vias de desenvolvimento as taxas previstas são de 4.5% e 4.8% em 2017 e 2018, respectivamente.

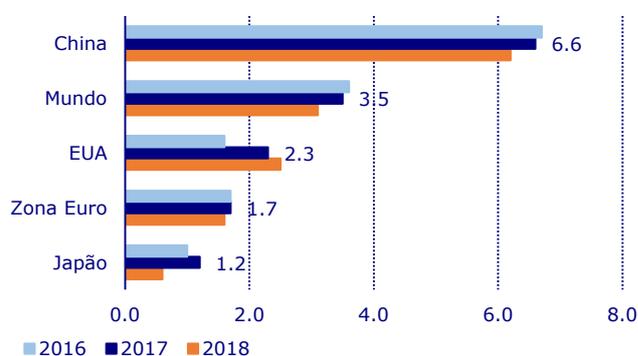
Para além dos mercados financeiros se mostrarem mais estáveis, regressando o movimento comprador de activos, existem expectativas positivas relativamente à continuação das políticas de suporte económico implementadas pela China e às políticas fiscal e de desregulação económica prometidas pelo Presidente Trump. O ambiente é de maior confiança económica e financeira e podem surgir surpresas positivas do lado do crescimento, numa perspectiva de curto prazo. Contudo, segundo o FMI, existem problemas estruturais não negligenciáveis como a baixa produtividade, as altas desigualdades de rendimento e a falta de cooperação económica entre países.

No futuro, de acordo com as actuais tendências e perspectivas, existem riscos do lado da política monetária dos EUA, desequilibrando as actuais condições financeiras (a subida dos juros a um ritmo mais rápido potencia o encarecimento do crédito e prováveis fugas de capitais) e levando à apreciação do dólar, com constrangimentos para as economias emergentes. Neste contexto e numa dinâmica em espiral, o sentimento de mercado mais favorável poderia ser revertido, ressurgindo as vulnerabilidades destas economias, incluindo a China, que enfrenta o importante desafio de redução da sua dependência do crédito. A desregulação, por seu turno, é potenciadora de um ambiente económico favorável ao rápido crescimento no curto prazo, mas acrescenta risco de regresso das crises financeiras, que são sempre penosas e destrutivas, concretamente nos países menos preparados para enfrentar choques externos.

O FMI propõe a necessidade de estratégias credíveis por parte dos países, que suportem a procura, que dêem sustentabilidade à dívida pública, que permitam de forma eficiente a limpeza de balanços, que aumentem a produtividade, que

Evolução do PIB - Mundo

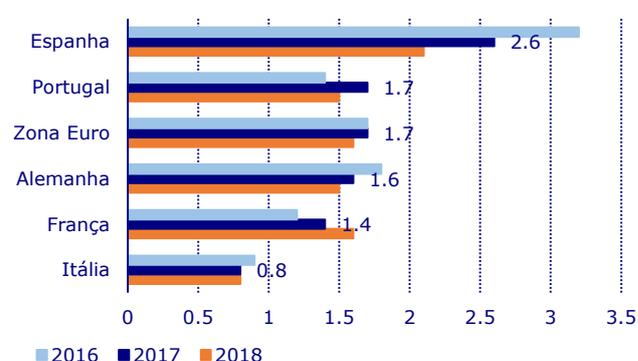
(v.a. %)



Fonte: FMI

Evolução do PIB - Europa

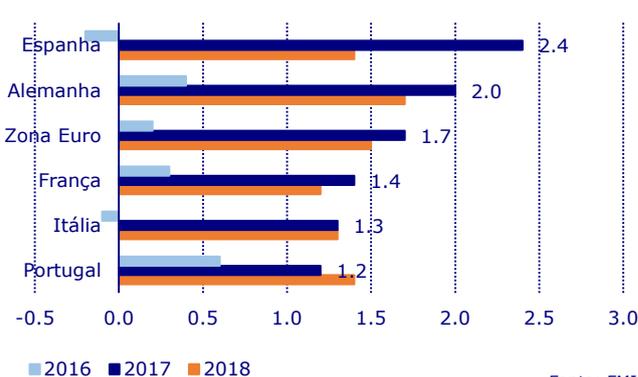
(v.a. %)



Fonte: FMI

Taxa de inflação - Europa

(%)



Fonte: FMI

TEMAS EM DESTAQUE

ECONOMIA MUNDIAL CONSOLIDA CRESCIMENTO (cont.)

redireccionem eficientemente a despesa em infra-estruturas, que implementem políticas fiscais orientadas para a oferta, que promovam transformações estruturais com suporte tecnológico, etc.

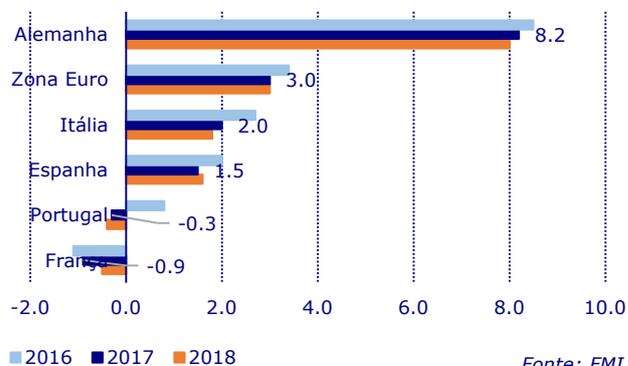
Nas economias avançadas, os EUA deverão acentuar de forma consistente a sua expansão, com o FMI a prever taxas de crescimento de 2.3% em 2017 e 2.5% em 2018. Por sua vez, o Japão deverá consolidar o actual ciclo em 2017 com uma taxa de 1.2%, podendo abrandar para 0.6% em 2018. Já na Zona Euro, no período em análise, os valores previstos são de 1.7% e de 1.6%, respectivamente. Nos emergentes, a China deverá prosseguir a tendência de abrandamento gradual: depois de 6.7% em 2016, deverá registar 6.6% em 2017 e 6.2% em 2018. De facto, o FMI reconhece que o crescimento nos EUA está a acelerar, em resultado da maior confiança dos agentes económicos e, sobretudo das empresas acerca da maior procura futura, assim como os inventários regressaram a valores considerados mais normais. Também no Reino Unido o crescimento permanece sólido, mesmo passado meses da decisão de Brexit (Junho de 2016). Japão e Zona Euro têm igualmente surpreendido graças à dinâmica exportadora mas também, no caso da Alemanha e de Espanha, de uma forte procura doméstica. Nas economias emergentes, embora não exista homogeneidade dos cenários, confirma-se o forte crescimento na China, suportado pelas medidas de auxílio implementadas pelas autoridades. Já na Índia e no Brasil, por razões diferentes, existe um abrandamento da actividade – na Índia, a apreciação considerável da moeda tem retirado competitividade ao país, enquanto que o Brasil está a sair de uma profunda recessão.

Genericamente, o mercado de matérias-primas tem acompanhado a maior pujança do actual ciclo económico, tendo registado um aumento significativo e sustentado dos preços, com especial destaque para os preços do petróleo e seus derivados. De facto, desde Janeiro de 2016, em que o Brent caiu para o patamar mínimo dos \$27, e até aos primeiros meses de 2017, onde foi alcançado os \$57, o acréscimo dos \$30 correspondeu a uma valorização de 111%. A sustentabilidade dos preços resulta não só do maior ritmo da actividade económica e das expectativas de maior procura, mas também do esperado maior equilíbrio do mercado com o acordo de redução das quotas de produção alcançado entre os países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e de alguns países externos ao cartel, de onde se destaca a Rússia. Recorde-se que, desde o início do ano, o Brent tem variado entre \$50 e \$57, mantendo uma evolução que se pode considerar suportada. Para já o acordo está em vigor até Junho, especulando-se o seu prolongamento.

Dos países europeus que sofreram intervenções externas, Irlanda (3.5%), Espanha (2.6%) e Grécia (2.2%) irão crescer acima da média da Zona Euro (1.7%), em 2017, enquanto Portugal registará um valor semelhante. No entanto, o FMI mostra-se mais optimista em relação à evolução da economia portuguesa. Face às anteriores previsões de um crescimento de 1.3% tanto em 2016 como em 2017, esta organização assume uma taxa de 1.4% em 2016 e prevê 1.7% em 2017. O valor para 2017 está agora mais próximo do valor previsto pelo Governo (no PE 2017-21) e pelo Banco de Portugal, que

Saldo corrente - Europa

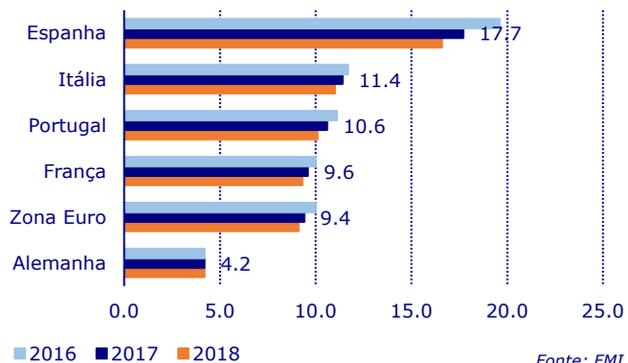
(% do PIB)



Fonte: FMI

Taxa de desemprego - Europa

(%)



Fonte: FMI

OPEP - novas quotas em 2017

(M=milhões; K=milhares; barris por dia)

Arábia Saudita	10.1 M (-486K)
Iraque	4.4 M (-210K)
Irão	3.8 M (+90K)
E. Árabes Unidos	2.9 M (-139K)
Koweit	2.7 (-131K)
Venezuela	2.0 M (-95K)
Angola	1.7 M (-80K)
Argélia	1.1 M (-50K)
Qatar	0.6 M (-30K)
Equador	0.5 M (-26K)
Gabão	0.2 M (-9K)
Nigéria	Isento
Líbia	Isento
Indonésia	(*)

Nota: (*) Pediu suspensão da OPEP por ser importador líquido.

ECONOMIA MUNDIAL CONSOLIDA CRESCIMENTO (cont.)

é de 1.8%. Quanto ao saldo corrente, em 2016 terá sido de 0.8% do PIB, podendo regressar a -0.3% em 2017, revelando o cepticismo da instituição quanto ao ajustamento externo. Já a taxa de desemprego deverá manter a trajectória descendente, passando de 11.1% em 2016 para 10.6% em 2017.

Em suma, apesar das perspectivas serem de maior solidez do ciclo económico nos diversos blocos, tendo levado a uma revisão em alta das taxas de crescimento, existe um relativo grau de incerteza. Em termos globais, o FMI assume que a política fiscal será neutral em 2017 e 2018, mas ressalva que existirão diferentes situações entre os países, que podem gerar distinções. Se, em 2017, a fiscalidade poderá ser expansionista para Alemanha, França, Reino Unido e Canadá, será neutral para EUA e Japão. Já para 2018, as previsões têm como pressuposto que os estímulos fiscais serão adoptados nos EUA (promessa da Administração Trump). Nas economias emergentes, o FMI assume que o ajustamento fiscal deverá diminuir ligeiramente a actividade económica em 2017 e 2018, embora com diferenças entre países e regiões.

Na frente monetária, as previsões do FMI assumem uma política de normalização menos gradual comparativamente aos pressupostos das anteriores previsões, concretamente em relação ao Reino Unido e aos EUA. Uma política moderadamente menos acomodatória do que o antecipado face a uma maior procura e a pressões inflacionistas. Para os EUA, o FMI indica uma projecção de subida das taxas de juro de 75 pontos base em 2017 (já aconteceram 25 p.b. em Março) e de 125 p.b. em 2018, alcançando-se uma taxa de equilíbrio abaixo dos 3% em 2019. Noutras economias avançadas, as previsões incorporam políticas monetárias bastante acomodatórias. Na Zona Euro, as taxas de juro de curto prazo deverão manter-se negativas até 2018, enquanto deverão ser nulas no Japão. Nas economias emergentes reflectirão as diversas situações relativamente ao ciclo económico.

O FMI considera ainda o valor médio do preço do petróleo de \$55 em 2017 e 2018 (\$43 em 2016), assumindo igualmente uma subida dos preços para as restantes matérias-primas. Por fim, considera que o Brexit não aumentará de forma significativa a incerteza global, devendo ser alcançados acordos que não agravem as barreiras económicas.

TEMAS EM DESTAQUE

PORTUGAL – DINAMISMO AUMENTA NO MERCADO DE TRABALHO

□ Taxa de desemprego ajustada de sazonalidade confirmada abaixo dos 10% em Fevereiro

O mercado de trabalho está em franca melhoria, com a taxa de desemprego ajustada de sazonalidade a atingir valores de Fevereiro de 2009. Ao mesmo tempo, o desemprego jovem revela igualmente um percurso de melhoria. A criação de empregos encontra-se igualmente dinâmica. Os dados não-ajustados oferecem uma perspectiva ainda mais positiva, com o 1º trimestre a contrariar a tipicamente negativa sazonalidade, esperando-se uma redução da taxa de desemprego trimestral em relação aos 10.5% verificados no final de 2016. O ano de 2017 permitirá seguramente a descida da taxa média de desemprego para um valor abaixo dos dois dígitos.

Em Março, a taxa de desemprego provisória, ajustada de sazonalidade, fixou-se em 9.8%, continuando assim o percurso de mais de um ano sem aumentos mensais na taxa. Em comparação com o ano anterior, trata-se de uma redução de 2.2 pontos percentuais (p.p.). A taxa definitiva em Fevereiro confirmou a descida abaixo dos dois dígitos - 9.9% - uma quebra de 0.2 p.p. em relação ao primeiro mês do ano, e de 2.3 p.p. em relação ao mesmo mês do ano passado. Estes são valores mínimos desde Fevereiro de 2009.

Taxa de desemprego mensal (ajustada)

(Porcentagem da população activa)

**Taxa de desemprego mensal jovem (ajustada)**

(Porcentagem da população activa entre os 15-24 anos)



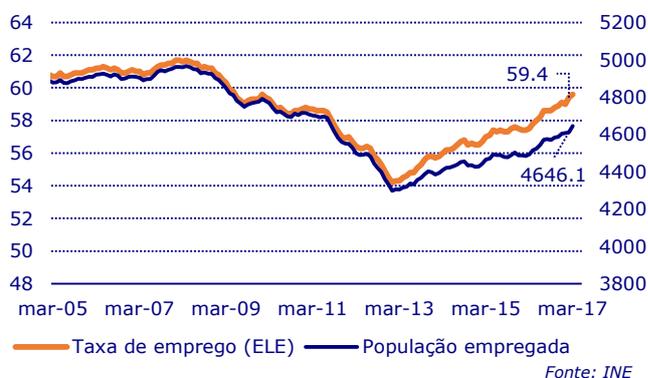
Por outro lado, a taxa de desemprego jovem observa uma trajectória de descida acentuada, encontrando-se na estimativa provisória de Março em 23.3%. Apesar do valor ainda alto, trata-se de uma descida de 7.8 p.p. em comparação com o mesmo mês de 2016, e uma descida de 1.1 p.p. em relação a Fevereiro, registando o valor mínimo desde Dezembro de 2008. É de relevar que esta taxa chegou ao valor de 40.7% no seu ponto máximo, em Fevereiro de 2013.

Do lado do emprego, as notícias são também positivas, com um aumento homólogo de 2.1 pontos percentuais da taxa de emprego, para 59.6%. No entanto, em valor absoluto, o volume do emprego chega apenas a níveis máximos desde Agosto de 2011, já que está ainda cerca de 279 mil empregos abaixo do pico registado em 2006. Mesmo em termos de taxa de emprego, esta encontra-se ainda longe do máximo de 62.7% em Dezembro de 2001.

Por outra perspectiva, olhando para os números não-ajustados, é possível verificar que o 1º trimestre foi bastante positivo para o mercado de trabalho. A sazonalidade prejudica normalmente o mercado de trabalho no início do ano, devido à importância de sectores que empregam mais no 2º e 3º trimestre, em particular as actividades relacionadas com o turismo, que representam uma fatia cada vez maior do mercado de trabalho. Assim, excluindo um período de 2 meses de subidas de um mínimo de 10.5% em Julho para 10.8% em Setembro, os meses seguintes observaram uma renovada tendência de quebra gradual, com a taxa a fixar-se em 10.0% em Março. A taxa de emprego, ainda assim, observou uma evolução menos clara desde essa altura, subindo claramente entre Janeiro e Março, contabilizando 59.4% neste mês.

Taxa de emprego mensal (ajustada)

(Porcentagem da população em idade laboral; milhares)

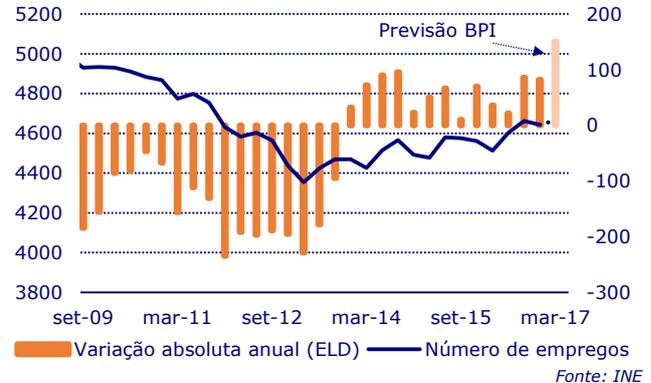


PORTUGAL – DINAMISMO AUMENTA NO MERCADO DE TRABALHO (cont.)**Taxa de desemprego mensal (não ajustada)**

(Porcentagem da população activa)

**Emprego**

(Milhares de indivíduos)



Segundo os nossos cálculos, estes números deverão permitir uma taxa de desemprego trimestral de 10.1% entre Janeiro e Março, o valor mais baixo desde o 4º trimestre de 2009. Esta será a primeira redução da taxa num 1º trimestre desde 2014 (altura em que começou a retoma do mercado de trabalho) – antes disso, tinha ocorrido em 2006. Este número é consistente com uma criação homóloga de postos de trabalho próxima dos 150 mil empregos, o que configuraria o maior crescimento absoluto da série histórica desde 1999. A diminuição homóloga do desemprego deverá também ser bastante significativa, e superior a 110 mil, provavelmente superada apenas pelas diminuições verificadas em 2014. Assim, é provável que haja um número considerável de inactivos a transitar para a população activa (outra possibilidade é um aumento da imigração, ou retorno de trabalhadores portugueses). É de relevar que a Páscoa ocorreu em Abril este ano, o que torna o maior dinamismo no 1º trimestre ainda mais significativo.

Embora a nossa previsão se mantenha ainda nos 10.1% para o ano de 2017, é bastante provável que esta venha a ser revista durante o mês de Maio, depois de analisado o detalhe dos números do mercado de trabalho. Assim, a taxa média de desemprego em 2017 ficará seguramente abaixo dos dois dígitos, e mesmo abaixo da previsão do Executivo de 9.9%.

TEMAS EM DESTAQUE

PORTUGAL - BALANÇA DE BENS E SERVIÇOS

▫ As trocas comerciais no semestre terminado em Fevereiro

Neste tema analisamos a evolução da balança de bens e serviços tendo por base o acumulado das trocas comerciais nos últimos seis meses terminados em Fevereiro, último mês para o qual há informação disponível. O seu comportamento reflecte a importância das vendas de serviços ao exterior para o equilíbrio das contas externas portuguesas, destacando-se o crescente contributo do sector turístico. Em 2016, Portugal foi o terceiro mercado com maior crescimento em termos de procura internacional no conjunto do mercado da bacia do Mediterrâneo, sendo expectável que esta tendência se mantenha, podendo inclusivamente reforçar-se. Por seu turno, o comportamento da balança de bens comporta alguns riscos de deslize, relacionados essencialmente com perspectivas favoráveis relativamente à evolução da actividade interna, nomeadamente no que respeita à recuperação do investimento, a qual geralmente tem associado um incremento das importações de bens industriais e de capital. Este risco poderá ser compensado pelo comportamento das exportações, as quais tenderão a beneficiar dos sinais de retoma da actividade a nível global, com destaque para os países da Zona Euro, onde se encontram alguns dos principais parceiros comerciais de Portugal, mas também de alguns países fora da União Europeia. O Banco de Portugal estima para 2017 uma pequena redução do saldo da balança de bens e serviços para 1.9% do PIB, menos 0.3 pontos percentuais do que em 2016. Dado o incremento do peso do sector exportador no PIB nacional, apresentamos algum detalhe quanto à evolução das exportações: principais destinos e bens exportados.

1. A balança de bens e serviços

Com base em dados não ajustados sazonalmente disponíveis na página do Banco de Portugal, no semestre terminado em Fevereiro o saldo da balança de bens e serviços situou-se em 828 milhões de euros, uma pioria de 71 milhões face ao período homólogo, reflectindo a deterioração do défice da balança de bens, resultante do alargamento dos saldos deficitários tanto da balança energética como de outros bens que não combustíveis. A primeira passou de um saldo negativo de 1.6 mil milhões de euros no semestre terminado em Fevereiro de 2016, para um saldo de -1.9 mil milhões de euros nos seis meses terminados em Fevereiro deste ano. Excluindo bens energéticos, a balança comercial registou um défice de 3.1 mil milhões de euros, representando uma pioria de 5.4% yoy. Por seu turno, o saldo positivo da balança de serviços melhorou 7.1% face ao mesmo período do ano anterior, reflectindo melhorias nos saldos dos sectores do turismo e dos transportes, cujos saldos superavitários representam 65% e 21%, respectivamente, do saldo da balança de serviços. As trocas comerciais de outros serviços registaram, no mesmo período, uma deterioração de 24.5%.

Valores acumulados no semestre terminado em Fevereiro de 2017

Balança de bens e serviços	ago-15	fev-16	ago-16	tvh	fev-17	tvh	milhões de euros	
							Contributo para o crescimento (p.p.)	
Bens e Serviços	2,161	899	3,037	40.5%	828	-7.9%		
Bens	-4,848	-4,551	-4,400	9.2%	-5,008	-10.0%		-50.8
Excl. energia	1,675	3,675	-351	-121.0%	1,253	-65.9%		-269.4
Energia	-6523	-8,226	-4,049	37.9%	-6,261	23.9%		218.6
Serviços	7,009	5,450	7,437	6.1%	5,836	7.1%		42.9
Excl. turismo e transportes	1,056	1,033	969	-8.2%	780	-24.5%		-28.2
Turismo	4,580	3,276	5,131	12.0%	3,805	16.2%		58.9
Transportes	1,374	1,142	1,337	-2.7%	1,251	9.6%		12.2

Fonte: Banco de Portugal, calc. Banco BPI.

Por detrás da ligeira deterioração da balança de bens e serviços no período em análise está o avanço de 8.5% das importações, um pouco acima do ritmo de crescimento das exportações: 8.1%. Na balança de bens, as importações aumentaram 8.2%, enquanto que as exportações cresceram 7.9%. As importações de serviços aumentaram 9.9% e as exportações 8.6%. Na balança de serviços, destacam-se os crescimentos das exportações de serviços turísticos e de transportes, 14% e 9.1%, respectivamente. Nos transportes, as vendas ao exterior de transportes aéreos foram as principais responsáveis pelo incremento das exportações no sector, tendo crescido 15.2%.

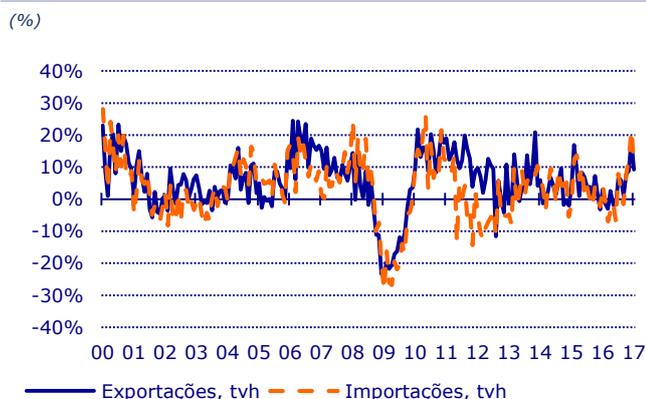
Semestre terminado em Fevereiro de 2017

	Exportações		Importações	
	milhões de euros	tvh	milhões de euros	tvh
Bens e Serviços	28,566	8.1%	37,738	8.5%
Bens	25,857	7.9%	30,865	8.2%
Energia	1,858	26.1%	3,785	22.1%
Serviços	12,709	8.6%	6,872	9.9%
Turismo	5,700	14.0%	1,895	9.9%
Transportes	2,882	9.1%	1,631	8.7%

Fonte: Banco de Portugal, calc. Banco BPI

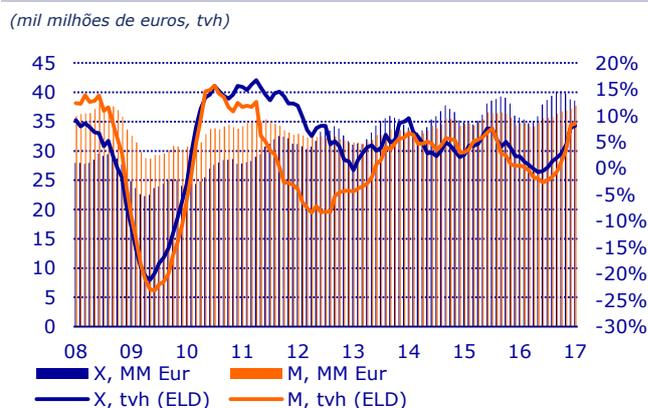
PORTUGAL - BALANÇA DE BENS E SERVIÇOS (cont.)

Exportações e Importações de bens e serviços: dados mensais



Fonte: Banco de Portugal, calc. BPI

Exportações e Importações de bens e serviços: acumulado seis meses



Fonte: Banco de Portugal, calc. BPI

2. Balança de bens

2.1. As importações

Relativamente à balança de bens, e tendo por base a informação disponível no INE (cujos dados diferem ligeiramente dos publicados pelo Banco de Portugal) verifica-se que a deterioração da balança comercial foi extensiva a todos os tipos de bens, excepto bens alimentares e bebidas, cujas exportações avançaram 9.5%, excedendo o ritmo de expansão das importações. Ainda relativamente à evolução das importações, a informação com base na Classificação por Grandes Categorias Económicas (na próxima publicação esperamos publicar um tema relativo à balança comercial tendo por base maior detalhe quanto ao tipo de produtos exportados e importados), sugere que a aceleração das compras ao exterior está essencialmente relacionada com uma melhoria do investimento, pois as categorias que apresentam maiores ritmos de expansão são os bens industriais (+85% yoy e 98% em cadeia), bens de capital (14.1% face ao período homólogo e 13.5% face ao semestre anterior) e material de transporte (12.3% yoy, e -2.1% sos). A evolução dos combustíveis reflectirá em grande parte o aumento do preço do petróleo; face ao semestre anterior, o comportamento poderá também justificar-se por questões sazonais, na medida em que o consumo de combustíveis tenderá a ser superior no Outono e Inverno.

Importações de bens

Milhões de euros

	Valores acumulados no semestre terminado em:				Peso	tvs	tvh	Contributo para o crescimento (p.p.)
	ago-15	fev-16	ago-16	fev-17				
Bens industriais	8,987	4,845	4,820	8,961	28.0%	85.9%	85.0%	14.0
Bens de consumo	4,569	4,845	4,820	4,995	15.6%	3.6%	3.1%	0.5
Material de transporte	4,337	4,368	5,007	4,905	15.3%	-2.1%	12.3%	1.8
Bens de capital	4,395	4,583	4,606	5,227	16.3%	13.5%	14.1%	2.2
Combustíveis	4,465	3,101	2,956	3,793	11.8%	28.3%	22.3%	2.3
Alimentação e bebidas	4,181	3,919	4,273	4,167	13.0%	-2.5%	6.3%	0.8
Outros	9	3,838	3,974	9	0.0%	-99.8%	-99.8%	-13.0
Total	30,943	29,498	30,458	32,057	100.0%	5.3%	8.7%	
Excluindo combustíveis	26,477	26,397	27,501	28,264	88%	2.8%	7.1%	6.3

Fonte: INE, calc. BPI

2.2 As Exportações

Olhando agora para o comportamento das exportações de bens, também com base nos dados disponibilizados pelo INE, observa-se que as vendas de bens industriais – cerca de 32% das vendas totais ao exterior – foram as que mais cresceram tanto em termos homólogos como em cadeia. Outras categorias com bons desempenhos no semestre em análise foram as vendas de bens de capital e de consumo. O comportamento das exportações de combustíveis justifica-se por variações de preço e por efeitos estatísticos relacionados com a interrupção na produção numa refinaria no início de 2016.

TEMAS EM DESTAQUE

PORTUGAL - BALANÇA DE BENS E SERVIÇOS (cont.)

Exportações de bens

Milhões de euros

	Valores acumulados no semestre terminado em:				Peso	tvS	tvh	Contributo para o crescimento (p.p.)
	ago-15	fev-16	ago-16	fev-17				
Bens industriais	8,591	5,017	5,360	8,293	31.5%	54.7%	65.3%	13.5
Bens de consumo	5,099	5,017	5,360	5,403	20.5%	0.8%	7.7%	1.6
Material de transporte	3,898	3,815	3,976	4,119	15.6%	3.6%	8.0%	1.2
Bens de capital	3,252	3,260	3,317	3,570	13.6%	7.6%	9.5%	1.3
Combustíveis	2,056	1,473	1,419	1,870	7.1%	31.8%	27.0%	1.6
Alimentação e bebidas	2,533	2,784	2,656	3,048	11.6%	14.8%	9.5%	1.1
Outros	33	2,970	2,967	20	0.1%	-99.3%	-99.3%	-12.1
Total	25,460	24,336	25,055	26,322		5.1%	8.2%	
Excluindo combustíveis	23,405	22,863	23,636	24,452	93%	3.5%	7.0%	6.5

Fonte: INE, calc. BPI

Por destino, destacam-se os bons desempenhos das vendas para Espanha, principal parceiro comercial de Portugal, beneficiando do forte ritmo de crescimento da actividade económica daquele país. Fora da União Europeia, destacam-se os bons desempenhos das exportações para os EUA e Angola.

Principais destinos de exportações portuguesas

Milhões de euros

	Valores acumulados no semestre terminado em:				Peso	tvS	tvh	Contributo para o crescimento (p.p.)
	ago-15	fev-16	ago-16	fev-17				
Intra UE	18,284	18,310	18,930	19,474	74.0%	2.9%	6.4%	4.8
Espanha	6,354	6,185	6,660	6,794	25.8%	2.0%	9.8%	2.5
Alemanha	2,962	2,893	2,972	2,942	11.2%	-1.0%	1.7%	0.2
França	3,003	3,129	3,179	3,216	12.2%	1.2%	2.8%	0.4
Reino Unido	1,641	1,751	1,782	1,812	6.9%	1.7%	3.5%	0.3
Holanda	1,032	993	911	966	3.7%	6.0%	-2.7%	-0.1
Itália	780	838	827	932	3.5%	12.8%	11.3%	0.4
Bélgica+Luxemburgo	627	639	635	696	2.6%	9.7%	9.0%	0.2
Outros Intra UE	1,886	1,883	1,964	2,115	8.0%	7.7%	12.3%	1.0
Extra UE	7,177	6,026	6,125	6,848	26.0%	11.8%	13.6%	3.4
EUA	1,441	1,092	1,260	1,338	5.1%	6.2%	22.5%	1.0
Angola	1,088	862	635	958	3.6%	50.9%	11.2%	0.4
Marrocos	392	312	343	411	1.6%	20.1%	32.0%	0.4
China	482	295	363	377	1.4%	3.9%	27.8%	0.3
Brasil	259	267	267	301	1.1%	12.9%	12.6%	0.1
Suíça	238	229	280	260	1.0%	-6.9%	13.6%	0.1
Gibraltar	107	63	42	136	0.5%	225.9%	114.8%	0.3
Turquia	179	190	212	213	0.8%	0.7%	12.5%	0.1
México	105	93	103	139	0.5%	35.0%	48.6%	0.2
Cabo Verde	107	113	130	133	0.5%	2.1%	17.7%	0.1
Tunísia	60	90	95	98	0.4%	3.5%	8.8%	0.0
Outros Extra UE	2,721	2,419	2,396	2,482	9.4%	3.6%	2.6%	0.3
Total	25,460	24,336	25,055	26,322		5.1%	8.2%	8.2
Excluindo Angola	24,373	23,474	24,420	25,364	96.4%	3.9%	8.1%	7.8

Fonte: INE, calc. BPI

Para Espanha, os principais produtos exportados, excluindo os combustíveis, situam-se nas categorias:

- fornecimentos industriais, os quais aumentaram 8.2% yoy, contribuindo com 2.9 pontos percentuais para o crescimento das exportações de bens para este país,
- material de transporte, +11.4% e contributo de 1.6 p.p.
- bens de capital que cresceram 10.1% e contribuirão com 0.8 p.p. para o crescimento das exportações.

PORTUGAL - BALANÇA DE BENS E SERVIÇOS (cont.)

No caso dos EUA destacam-se as exportações de:

- bens de consumo, +34.5% yoy e contributo de 8.4 p.p;
- material de transporte, +90.9% e contributo fr 6.8 p.p.;
- bens de capital, +17.4% e contributo de 2 p.p.

No caso de Angola destacam-se:

- Produtos alimentares e bebidas, +26.4% yoy, contribuindo com 7 p.p. para o crescimento das exportações para quele país;
- Os fornecimentos industriais, +8.5%, contributo de 2.2 p.p.
- Bens de capital, +3.6%, contributo de 0.9 p.p..

